

TEORIA DE GÉNERO
Um conto de Natal

José moía a cevada. Como todos os homens na velha sociedade patriarcal, sentia-se aborrecido, “sempre a mesma comida, sempre o mesmo trabalho, sempre a mesma coisa”, pensava para si. Como um aborrecimento nunca vem só, apareceu-lhe uma anja. “Só me faltava esta, outra anja. Isto ultimamente tem sido todas as semanas”. Mas a anja não vinha com a conversa do costume. Desta vez piava mais fino:

- Bom dia, José. Sou a anja Gabriela.

José conteve a tempo o trocadilho que o nome da anja lhe inspirara. De qualquer modo teria sido muitíssimo antes do tempo.

- Qu’ é que queres? Perdão, que quereis?

A anja concentrou-se para convocar todo o seu sentido de drama:

- É vontade da Deusa que engravides.

Naturalmente, José deixou cair toda a cevada ao chão. Imundíssimo, por sinal.

- Isto está a ir longe demais. Sou a favor de todos os direitos e mudanças e assim, mas não posso engravidar. Não tenho sexo há montes de tempo e além disso sou homem.

- A Deusa tudo pode, seja feita a sua vontade – e num ápice eclipsou-se a anja. “Nunca espera pela resposta, fica sempre com a última palavra. E que lindo berbicacho me arranjou”.

Contar a novidade a Maria, quando esta regressou da carpintaria, foi o cabo dos trabalhos. A mulher acreditou tanto naquilo como na separação das águas do Mar Vermelho. Habituada à neurastenia de José, pontuada por ataques histéricos que causavam forte embaraço junto da vizinhança e que o regular par de bofetadas parecia não resolver, encolheu os ombros sujos de serradura antes de abalar para a taberna e o convívio com as amigas.

Só que o tempo passou e a barriga inchou.

Aceite o facto com a humildade característica da época – aconteciam coisas estranhíssimas a toda a hora e uma pessoa habituava-se – Maria achou por bem alçar José para cima de um burro e viajar até Belém, pois a vizinhança não tinha a mesma amplitude de ideias de Maria. Uma matriarca sem filhos e com um homem grávido não era exatamente a receita para grande respeito.

Numa época sem *checkpoints* a coisa fazia-se com alguma tranquilidade e o céu estrelado não era nada de desdenhar. Chegaram foi a Belém um pouco para o tarde e a indústria hoteleira estava ainda longe de cumprir o seu dever, pelo que nada mais lhes restou do que uma manjedoura. A julgar pela porcária devia ser de algum gentio. Mas pelo menos não havia porcos, só uma vaca, com que o burro, por sinal, simpatizou num enlevo trans-específico. Coisas mais estranhas já tinham acontecido.

José, cujo sentido de *timing* não era exatamente a característica mais elogiável, sentiu imediatamente as dores do parto e, numa milagrosa e cinematográfica eclipse, viu-se de repente com um bebé nos braços.

- Jesus! – exclamou Maria, numa estranha língua (falava-se em línguas, então).

- Olha, não está mal como nome, soa bem – reagiu José. – Mas é de rapaz ou de rapariga?
- Não faço a mínima, homem. (O tom de enfado era notório).
- Bom, pelo seguro, e como saiu rapariga - a Deusa seja louvada! -, vamos chamar-lhe Jerusa.
- Soa um bocadinho a Jerusalém...
- *Duh...*
- Ah, pois... – e Maria até se riu um bocadinho, ato da maior raridade em reação a qualquer fala de José.

Jerusa fazia coisas estranhíssimas. Truques de magia que cativavam a criançada da vizinhança, como transformar leite em vinho, ressuscitar gentios apedrejados pelas *bullies* da rua e assim. Dizia-se que por altura do primeiro período transformara o seu sangue em mel, mas tal nunca foi comprovado, que as pessoas eram um bocadinho obcecadas pela menstruação. E por mel.

À medida que cresceu começou a ter ideias.

- Esta miúda está cheia de ideias – lamentava-se sistematicamente Maria. José, por sua vez, reagia sempre com um sorriso bovinamente embevecido. Quando não olhava para oliveiras e sorria matreiro.

À medida que o tempo ia passando, as ideias iam-se multiplicando e o seu factor de perigo aumentando. Por um lado, as sacerdotisas do templo não achavam graça nenhuma a conversas que se iam espalhando acerca de uma profetisa provinciana de Nazaré, conversas que punham em causa o *status quo*, a entrada de dinheiro no templo para pagar sacrifícios e outras instituições sagradas, como as regras alimentares, os banhos rituais ou a desigualdade. Por outro, os dirigentes das forças de intervenção internacionais não achavam graça nenhuma a populismos demagógicos que pusessem em causa a implementação do plano de resgate. Jerusa, por sua vez, ia fazendo truques de magia e elaborando parábolas que ninguém percebia – o que, obviamente, era meio caminho andando para um tremendo sucesso. E o seu contrário.

Sucede que Jerusa se rodeava de um bando de uma dúzia de moças na força da idade, dadas a *road trips* pela Palestina, banhos nudistas nos rios, entrar em festas de casamento para que não tinham sido convidadas e façanhas de toda a espécie. Coisas de raparigas, a força do estrogénio. Diz que atraíam muitíssimo os rapazes das aldeolas e vilarejos, que os pais prontamente escondiam nos palheiros, não fosse o diabo – ou a filha da deusa – tecê-las. E, sobretudo, apregoavam estranhíssimas ideias. A gota de água foi terem dito que os homens mereciam o mesmo respeito que as mulheres.

Ora, tudo deu para o torto na festa de encerramento do *tour* de magia, parábolas e traquinices avulsas, das 13 raparigas. Reza a história que uma delas, Judite, a melhor amiga de Jerusa, se sentira desencantada com a nazarena a partir de certa altura. Más línguas chegaram a dizer que Judite não sabia bem distinguir a amizade do amor sáfico e que, para resolver o seu dilema e mal-estar interior, aceitara umas tantas moedas das forças internacionais e dos capatazes locais para trair a filha da deusa.

Jerusa aceitou o seu destino tranquilamente. Não, *strike that*. Aceitou o seu destino com *entusiasmo*. Não se sabe ainda hoje ao certo se herdara do seu

pai uma certa tendência para o devaneio, o delírio e o sentido do drama, se consumira excessivamente os cardos alucinogénios que abundavam na Palestina, fertilizados a cocó de cabras. O que é certo é que se achava mesmo filha da deusa e acreditava que o seu sacrifício serviria de ímpeto à libertação do seu povo e à grande orgia universal da humanidade, que ela imaginava amando-se mutuamente como ela se amava a si própria. Bom, talvez não exatamente da mesma maneira, mas vá. Excetuando talvez o dar a outra face à bofetada, mesmo sem *safeword*.

Digamos que tinha consciência política, mas uma visão algo *sui generis* do que fazer com ela. Obrigaram-na a arrastar um senhora cruz de madeira pelas ruas de Jerusalém, tendo as ruas fétidas da cidade sido, naturalmente, a parte mais penosa do castigo.

Pregaram-na ao poste num arrabalde da cidade e deixaram-na para morrer. Todo um cenário.

Teve algumas visitas. José, claro, gestante miraculoso estremado, que, apesar das sequelas da depressão pós-parto, adivinhava de algum modo que a sua fama futura estava assegurada (continuava a mirar obsessivamente oliveiras), tão prodigiosas haviam sido as circunstâncias. Também um misterioso Marcelino fez a sua aparição. Dele se dizia ser gigolô - ainda que de coração puro - para surpresa do povolêu, que tinha Jerusa por sáfica (“Mais fácil será a um camelo passar pelo buraco duma agulha do que a Jerusa etc...”, bom, o resto é conhecido). Terão sido eles a registar as famosas últimas palavras de Jerusa, “Mãe, porque me abandonas?”, ainda que José tenha decidido, por opção estilística e apurado sentido do momento e da memória futura, omitir a sua resposta “ó filha, mas a mãe está aqui”.

Foi, portanto, mais ou menos assim que tudo começou - o desaparecimento de Maria nos anais da carpintaria, a vocação de José para a olivicultura, e os rituais canibalísticos do culto de Jerusa.